**A RELAÇÃO ENTRE PENSAMENTO E LINGUAGEM: CONCEPÇÕES DA TRÍADE INTERACIONISTA**

Maria Simone da Silva

Mestranda do PPGE/UFC

Email: mariasimone.doze@gmail.com

Francisca Geny Lustosa

Professora da Universidade Federal do Ceará

Email: franciscageny@yahoo.com.br

**Resumo**: O objetivo desse ensaio teórico é discutir a relação entre o pensamento e a linguagem a partir das teorias psicogenéticas de Piaget, Vigotski e Wallon. Referidos teóricos abordam a linguagem em uma perspectiva social, como um processo estabelecido nas relações tipicamente humanas. Para isso é importante evidenciar a definição dessa relação para cada autor citado, por isso cada tópico subsequente se encarregará disso. Para os três autores a linguagem e o pensamento possibilitam a interação do sujeito com o mundo, colocando dessa forma, ambos como fomentadores da aprendizagem. Os estudos apresentados por essa tríade lançam um olhar sobre o desenvolvimento humano no qual as interações com o mundo são capazes de abranger a inteligência do sujeito, uma vez que o meio nos leva a sofisticar tanto a linguagem quanto o pensamento. Assim, devemos refletir sobre práticas que deveriam possibilitar aos sujeitos os fomentos para o aprimoramento do pensamento e da linguagem.

**Palavras-chave**: Pensamento e linguagem; Interação; Piaget, Vigotski e Wallon.

**Introdução**

É através da relação entre pensamento e linguagem que a tríade de teóricos interacionistas, Piaget, Vigotski e Wallon, aborda a linguagem em uma perspectiva social, como um processo estabelecido nas relações tipicamente humanas. Podemos compreender, a partir dessa concepção, que não podemos prescindir de recorrer à relação entre esses dois campos da constituição humana para compreender o desenvolvimento humano.

A linguagem é o que, culturalmente, permiti o homem ter acesso a um arcabouço de práticas culturais, formas de pensar e compreender o mundo, além de acessar o conhecimento produzido ao longo da história humana. Através de signos, símbolos e significados o homem se aproxima do modo de ser humano e se historiciza. Reconhecendo a importância da linguagem para o nosso desenvolvimento filogenético, histórico e psicológico, podemos asseverar que a realidade humana como conhecemos na contemporaneidade só é possível graças à elaboração da linguagem como meio interpsicológico e intrapsicológico de se apropriar e intervir nas categorias humanas.

No sentido de ampliar essa discussão, iniciamos esse texto pelas ideias de Piaget, autor que ver a criança como um sujeito que se relaciona com o mundo como objeto de sua inteligência. A sua compreensão da gênese do pensamento, da representação, está atrelada a capacidade da criança de evocar objetos. Anterior a isso, o desenvolvimento da inteligência prática é que vai permitir o desenvolvimento da inteligência conceitual, são os esquemas coordenados pela inteligência anterior ao pensamento que tornarão possível a representação mental, a evocação, a imitação diferida e todas as outras formas de perceber o mundo pelas vias do pensamento.

Em subsequência, trazemos à baila o que Wallon nos diz sobre a relação entre pensamento e linguagem. Para este a criança vai descobrindo o mundo através das experiências e compreendendo seu significado com a cultura. Compreende a criança como um sujeito complexo, por tanto não distância a linguagem da cognição, ainda que existam confusões na forma como a criança relaciona a palavra e a ideia, pois nem sempre uma é capaz de traduzir a outra. Por isso, que, às vezes, por não dispor de um sistema sempre inteligível para o adulto, a criança se mostra incoerente entre os aspectos da fala e das ações.

Por último, para Vigotski toda palavra corresponde a uma generalização, desse modo ela expressa um conceito, carrega um sentido. Para esse autor, a princípio, a fala e pensamento se manifestam de formas diferentes e isoladas, denominando esse curto período da fala como pré-intelectual e pensamento com pré-verbal, não obstante, existe um momento crucial, em que fala e pensamento se encontram, e a existência de ambos se integra, de forma indissociável, de modo que um vai se tornando expressão do outro.

1. **Relação entre pensamento e linguagem para Piaget**

Na compreensão de Piaget, entre linguagem e pensamento existe uma lógica de coordenação das ações que tem raízes mais profundas do que somente a lógica associada à linguagem, denominada como lógica das proposições, que são reconstituições momentâneas em torno do objeto concreto, desde quando a criança já percebe a ausência do objeto até ser capaz de evocá-lo, antes isso acontece pelas experimentações da inteligência prática. A representação mental se constrói como a possibilidade de acessar a assimilação dos objetos, classificando-os e generalizando-os, e por tanto refletindo sobre suas associações.

É nesse momento de grandes ganhos cognitivos e da emergência do pensamento, que, para o mesmo, a criança que antes era um sujeito indiferenciado para si mesmo, por não se perceber ainda como indivíduo, começa a se distanciar dessa ideia e no jogo da imitação vai mostrando essa nova forma de agir e de perceber a si em relação ao outro. No jogo simbólico, ela mostra a imitação diferida e interiorizada, e isso acaba refletindo na fala desse sujeito.

Nesse sentido para Piaget, indubitavelmente, a linguagem continua sendo uma condição imprescindível para o acabamento das estruturas lógicas, todavia não é uma condição suficiente em si mesmo para a formação destas. Ao longo livro “A formação do símbolo na criança”, o mesmo autor intercala falas de crianças com características do plano simbólico, que vai se tornando mais elaborado à medida que as crianças vão expressando linguisticamente o refinamento de suas ideias.

Para Piaget “toda linguagem comporta classificação relativamente elaboradas” (PIAGET, 2009 p. 265). A linguagem se incumbe de exprimir um tipo de lógica, como próprio autor cita a exemplo: os matemáticos se encarregam de desenvolver linguagens artificiais para traduzir uma lógica, mais refinada e diferenciada, que não pode ser manifestada pela linguagem tipicamente utilizada nas relações informais, que não contemple essas ideias.

Isso nos dar a possibilidade de inferir que o pensamento e a linhagem, invariavelmente, se traduzem no devir das relações que estabelecem. Imiscuídos pela proposição a seguir: “quanto às estruturas muito diferenciadas e refinadas para serem exprimidas pela linguagem corrente, os matemáticos e lógicos criaram para seu uso linguagens artificiais ou técnicas, mas que psicologicamente ainda são linguagens”. (PIAGET, 2009, p.265)

Ainda para Piaget, a linguagem tem um papel no acabamento das estruturas operatórias, no entanto esta depende de estruturas em conjunto, como explicita nessa afirmação: “a linguagem pode constituir uma condição necessária do acabamento das operações lógico-matemáticas sem ser, entretanto, uma condição suficiente para o seu acabamento.” (PIAGET, 2009, p. 265).

Como para o referido autor, as raízes do pensamento são anteriores a linguagem: “no nível sensório motor já vemos se elaborar todo um sistema de esquemas” (PIAGET, 2009, p.266). Nesse sentido, observamos que se parte de um conceito prático para chegar ao mais abstrato. Pois esses esquemas são classificações em que se assentam as generalizações, e assim atinge-se a função simbólica.

Vale destacar que as ações/atividades necessárias para que ocorra o desenvolvimento são mais do que simples movimento físico. São comportamentos que estimulam o aparato intelectual da criança, podendo não ser observáveis. Esses comportamentos produzem desequilíbrio e permitem a ocorrência da assimilação (incorporação do mundo exterior às estruturas mentais já construídas do sujeito) e da acomodação (reajuste das estruturas já modificadas pela assimilação ao mundo exterior). (LUSTOSA, 2016, p.130).

Destarte, “os esquemas comportam naturalmente, por outro lado, uma grande variedade de relacionamentos, prelúdio da lógica das relações que se desenvolverá ulteriormente no plano da representação.” (PIAGET, 2009, p.266). Esses esquemas incipientes conduzem as deduções práticas, o esquematismo sensório-motor reverberará nas futuras noções de conservação e reversibilidade operatória.

O período sensório-motor é, evidentemente, o que direciona tudo que virar a se desenvolver no sujeito posteriormente, uma vez que a inteligência se desenvolve em etapas do desenvolvimento que não podem ser ultrapassadas pelo estágio anterior sem que já tenha havido a equilibração do estágio precedente: “somos então, levados a admitir que, anteriormente às operações formuladas pela linguagem, existe uma espécie de lógica das coordenações das ações comportando notadamente relações de ordem e relações de encadeamento”. (PIAGET, 2009, p.267)

Agimos impulsionados por um motivo que se traduz sob a forma de uma necessidade. Portando, toda ação corresponde a uma necessidade, que, por sua vez, é sempre a manifestação de um desequilíbrio. Sempre que algo, em nós ou fora de nós, se modifica, há necessidade de uma ação para reajustar a conduta da equilibração. Nisso consiste a equilibração. (LUSTOSA, 2016, p.130).

1. **Relação entre fala e pensamento para Wallon**

Na concepção de Wallon, a criança tem muita dificuldade de expor o seu ponto de vista, porque seu pensamento ainda não é reflexivo, por isso cria hipóteses que são contraditórias, ela vai formulando sua lógica acerca das coisas com as imagens e com a linguagem verbal. Nesse ínterim, ela vai validando sua lógica através de conceitos criados com as experiências e as interferências dos adultos ao seu redor.

Por ter essa dificuldade de entender o ponto de vista do outro, a criança tende a tomar o todo por uma parte que nem sempre representa uma ideia completa, e então tende “absolutizar” coisas mínimas, por exemplo, em uma narrativa a criança descentra-se do seu objetivo principal para se importar com um detalhe e a sua fala vai tomando direções que não tem relação direta com o assunto abordado.

A linguagem é atribuída à função organizadora do pensamento, mesmo a criança não conseguindo expressar exatamente aquilo que pretende ser dito pelo pensamento com aquilo que realmente está sendo dito pela fala. Todavia é através desse vocabulário, que a criança tem a capacidade ampliar suas experiências lógicas, ainda com as experiências simultâneas da imagem com a palavra sendo conflitantes e confusas. Porém é a partir dessa necessidade gerada por novas imagens e novas palavras que a criança vai percebendo a relação entre elas. É um processo descontínuo que se altera com a interferência das relações sociais. Conforme Lustosa (2016, p.140) “A passagem de uma etapa a outra é marcada por conflitos de origem tanto endógena (efeito da maturação nervosa) quanto exógena (resultante do desencontro entre a ação da criança e do meio). [...]. Tais conflitos agem como propulsores do desenvolvimento.”

Por que é esse universo simbólico que organiza a criança a cada nova realidade, é das experiências com o mundo que ela tira explicações, lógicas a seu modo, para satisfazer seus questionamentos acerca do funcionamento das coisas. A linguagem expressa suas representações e suas ações. É na imitação que as crianças demonstram a relação entre o plano mental e suas ações. Assim, “o aparecimento da função simbólica e da linguagem, que em interação com a cultura, fornecerão ao pensamento os instrumentos para a sua evolução.” (LUSTOSA, 2016, p.139)

Diretamente sobre a ideia de causa e feito que possa ser atrelada a linguagem e o pensamento, podemos refutar tal concepção com a seguinte afirmativa: “a bem dizer, ela não é causa do pensamento, mas é o instrumento e o suporte indispensáveis para seus progressos.” (WALLON, 2007, p.155). A luz do que foi expresso, a linguagem não é propriamente a causa do pensamento, porém não se pode ocultar sua importância para instrumentalizá-lo, destarte o progresso advindo das mais diversas associações posteriores, formuladas a partir desse suporte.

Um adendo importante, que não pode ser desconsiderado dentro dos postulados wallonianos é a ideia de que o pensamento é capaz de transformar os objetos e de se sobrepor a eles: “superpõe aos momentos da experiência vivida o mundo dos signos, que são as referências do pensamento, num meio onde ele pode imaginar e seguir trajetórias livres, unir o que estava disjunto, separar o que tinha sido simultâneo.” (WALLON, 2007, p.155).

Em referência ao período que a criança está centrada na motricidade, o mesmo teórico coloca: “o gesto precede a palavra, depois vem acompanhada dela, antes de acompanhá-la, para finalmente fundir-se em maior ou menor medida a ela.” (WALLON, 2007, p.157). Essa etapa é vista como preponderante para o que ele denomina como aparelho-motor, atrelada ao realismo motor, que impede a utilização referências ou de signos verbais, pois nesse período as diferenças feitas entre o plano real e o psicológico ainda não são suficientes. Seu pensamento se configura como sincrético, justamente por essa dificuldade de diferir os dois planos.

A importância de experiências construtivas nesse período tão confuso, de intensa revolução cognitiva na vida da criança, fica pela seguinte asseveração: “em geral são precisos lentos tenteios para que a criança penetre seu sentido, reconheça suas partes e ajuste cada uma delas e sua significação própria.” (WALLON, 2007, p.160).

Doravante a essas experiências, o sujeito vai reformulando suas constatações acerca do mundo, e vai deixando de somente imitar a realidade; o pensamento, vai se lapidando, criando novos contornos para as ações, como é colocada a seguir: “também a representação, que inevitavelmente se insinua entre a palavra e a coisa com um vestígio e evocador comuns, começa opondo suas exigências próprias as experiências brutas. Ela é imitação e estabilização.” (WALLON, 2007, p.161).

O pensamento reflete as ações do próprio sujeito no mundo, pois o que é subjetivo e o que é objetivo estão em uma teia difícil de desenrolar, “a criança não consegue se isolar do espetáculo que a cativa ou do objeto que deseja.” (WALLON, 2007, p.164). Isso é causado pela indiferenciação entre os planos motores e mentais, entre o que a criança sente e o que está ao seu redor.

Uma criança com o nível de pensamento com pouco discernimento sobre a qualidade das coisas. O que é comum a, por exemplo, dois objetos pode uní-las em situação indistintas. Essa lógica é fruto da qualidade do pensamento sincrético que inclusive é refletido na fala, “um simples ponto de contato podendo acarretar a coincidência com o todo.” (WALLON, 2007, p.166). Nessa lógica o que é transitório acaba se tornando típico, característico, acabado.

Quando a formação de imagens mentais torna-se mais elaboradas como as funções representativas, a criança tem “tanto menos obstáculos quanto mais descontinuidade e ao mesmo tempo mais repetições houver no próprio exercício do pensamento.” (WALLON, 2007, p.179). Podendo lançar mão de esquemas intelectuais mais subjetivos, não baseados somente nas ações objetivas.

1. **A relação entre pensamento e linguagem para Vigotski**

Na concepção de Vigotski, a palavra é propriamente a representação da união entre pensamento e linguagem, ainda que a linguagem e o pensamento decorram de processos distintos, pois toda palavra traz um conceito, ou seja, uma palavra é em si mesma uma ideia, é um pensamento que se materializou ali. Para esse autor, o pensamento apresenta uma trajetória diferente dos aspectos fonéticos, porém existe um avanço da fala em direção ao significado.

A princípio a criança se utiliza da fala sem ter consciência dela, depois a fala começa a organizar o pensamento e vice-versa, significação e referência só aparecem posteriormente, frutos de construções externa e internas elas se mostram mais complexas e associadas.

Esse autor inicia o capítulo do livro Pensamento e Linguagem, intitulado de: “As raízes genéticas do pensamento e da linguagem”, problematizando sobre a capacidade de pensar atribuída aos seres humanos, avaliando um estudo comparativo entre o homem e o macaco. Após alguns testes para avaliar a inteligência do macaco, chega à seguinte conclusão: “nunca demonstraram a menor intenção de representar o que quer que fosse de seus desenhos, nem o mais leve indício de atribuir qualquer significado objetivo aos seus produtos.” (VIGOTSKI, 2005, p.44). Tal afirmativa indica que a capacidade de representar é algo que distingue a inteligência humana dos outros animais.

À medida que se apropria das formas históricas e culturais de ordenação do real, o homem se coloca diante de um diferencial que vai promover “mudança em sua estrutura, em uma inter-relação e em sua organização interfuncional” (BLANCK, 1996, p.47). Dessa maneira, o homem vai se libertando da prisão biológica e se transformando em sócio-histórico. (LUSTOSA, ano, p.133)

Outra conclusão, dos estudos do autor mencionado, indica que: “os antropóides não possuem nada que se quer se assemelhe à fala humana, nem mesmo em um estágio embrionário.” (VIGOTSKI, 2005, p.46). Essa também é uma afirmativa que nos leva a presumir que a fala seja um atributo tipicamente humano, por sua vez também capaz de nos diferenciar frente aos demais animais.

Estamos colocando sob análise duas categorias que nos mostram o que é ser humano para Vigotski, entrementes, podemos deduzir que as qualidades de representar e de se expressar através da linguagem podem vir a mostrar interseções. Pois a linguagem não depende necessariamente do som, haja vista que essa capacidade de emitir sons também pode ser vista em outros animais, além de nós. Os macacos são capazes de emitir sons, no entanto: “deveriam ser capazes de dominar em experimentos, alguns gestos convencionais, cuja função psicológica seria exatamente a mesma dos sons convencionais.” (VIGOTSKI, 2005, p.47). Ou seja, eles não são capazes de atribuir significado as suas expressões.

A fala não depende uma percepção ambiental, pois, se assim o fosse, no convívio com os seres humanos outros animais poderiam “aprender” a falar, se a possibilidade dessa aprendizagem ocorresse puramente pelas interações, mas a esta exige um tipo de operação mental muito específica e como ele formula a seguir: “a ausência dessa capacidade pode ser a principal diferença entre o homem e o macaco.” (VIGOTSKI, 2005, p.48). Na percepção desse autor, existem quatro conclusões de seus estudos sobre a relação entre pensamento e fala que podem ser relevantes.

(1). O pensamento e a fala têm raízes genéticas diferentes; (2) As duas funções se desenvolvem ao longo de trajetórias diferentes e independentes; (3) A estreita correspondência entre pensamento e fala, característica do homem, não existe nos antropoides. (4) Na filogênese do pensamento e da fala, pode se distinguir claramente uma fase pré-linguística no desenvolvimento do pensamento e uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da fala. (VIGOTSKI, 2005, p.51).

Extravagante a essas conclusões, o autor intitula como descoberta mais importante acerca da relação entre pensamento e fala que: “num certo momento, mais ou menos aos dois anos de idade, as curvas da evolução do pensamento e da fala, até então separadas encontram-se e unem-se para indicar uma nova forma de comportamento.” (VIGOTSKI, 2005, p.52). Apesar de admitir a diferença entre a origem do pensamento e da fala, o que o autor assegura como de suma relevância está justamente na sua relação entre os dois.

Esse instante crucial, em que a fala começa a servir ao intelecto, e os pensamentos começam a ser verbalizados, por dois objetivos inconfundíveis: (1) a curiosidade ativa e repentina das crianças pelas palavras, suas perguntas sobre cada coisa nova e a (2) consequente ampliação de seu vocabulário, que ocorre de forma rápida e aos saltos. (VIGOTSKI, 2005, p.53).

O instante do encontro é o marco da descoberta da função simbólica das palavras, a fala passa a ser intelectual e “o nome passa a fazer parte da estrutura do objeto” (VIGOTSKI, 2005, p.54). Ao examinar essas relações entre o pensamento e a fala ver-se o quão estão estritamente imbricados.

Ainda inquieto sobre as relações expostas acima, a fala interior tornou-se objeto de suas investigações justamente pela proximidade descoberta entre o pensamento e linguagem. Admitindo-se que a não mostrou nenhuma alternativa admissível da passagem da fala exterior para a interior, pois “não há qualquer razão válida para se supor que a fala interior se desenvolve de alguma forma mecânica, por meio de uma diminuição gradual na audiabilidade da fala (sussurros).” (VIGOTSKI, 2005, p.55).

Em busca da solução desse problema, o autor inclina seu pensamento para a hipótese piagetiana de que esse elo entre a fala exterior e interior esteja na fala egocêntrica, porque “além de seu papel de acompanhar a atividade da criança e de sua função de descarga emocional, rapidamente assume a função planejadora, isto é, transforma-se, de maneira fácil e natural, no pensamento propriamente dito.” (VIGOTSKI, 2005, p.56).

Se a nossa hipótese estiver realmente correta, devemos concluir que a fala interiorizada psicologicamente antes de ser interiorizada fisicamente. A fala egocêntrica é, quando as duas funções, a fala interior; é a fala em sua trajetória para a interiorização; intimamente ligada à organização do comportamento da criança, já parcialmente incompreensível para outras pessoas, embora explícita em sua forma e sem apresentar nenhuma tendência para transformar em sussuro ou qualquer outra fala de meio tom. (VIGOSTKI, 2005, p.56).

Essa linguagem egocêntrica é transitória, sua importância se evidencia por tornar possível a passagem de funções interpsíquicas para intrapsíquicas, tornando a linguagem instrumento do pensamento, a atividade da linguagem que antes era um aspecto na vida social desse sujeito torna-se instrumento do seu interior de forma individual. A linguagem a partir de então orientará o curso da atividade mental. O egocentrismo desse período não se refere ao indivíduo centrado em si mesmo, mas a uma marca da assimilação que indiferencia o interno do externo, o subjetivo do objetivo.

A criança nesse período fala com o outro falando com ela mesma, para pensar ela se direciona a outra pessoa sem a intenção de se comunicar, e sim de organizar o seu próprio pensamento. Portanto, a fala que é endereçada a si e ao outro se confundem. A fala para Vigotski funciona como os outros instrumentos que dão suporte as operações mentais que usam signos, mas “não há razão psicológica para considerar que todas as formas de atividade verbal sejam derivadas do pensamento.”. No entanto “somos, portanto, forçados a concluir que há fusão de pensamento e fala”. (VIGOTSKI, 2005, p.59).

Ao contrário dos demais animais, os seres humanos apresentam uma evolução qualitativa na fala e no pensamento, e no momento crucial dessa evolução, apesar de terem raízes distintas ambos se encontram e “fala torna-se racional e o pensamento verbal.” (VIGOSTKI, 2005, p.61). Nesse período as crianças se vêem no mundo com signos, símbolos e significados, mas antes “o uso funcional de um novo signo é precedido por um período de domínio da estrutura externa do signo.” (VIGOTSKI, 2005, p.62).

Supõe-se, pela relação considerada entre o signo e a sua estrutura externa, que os sujeitos precisam se apropriar apriori concretamente do conceito do objeto para conseguir dar significado de acordo com as próprias apreensões daquilo que é percebido pelas suas representações mentais: “o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos lingüísticos do pensamento e pela experiência sócio-cultural da criança.” (VIGOTSKI, 2005, p.62).

Não se pode atrelar ao pensamento verbal uma concepção orgânica, ancorada na ideia de que em um dado momento, por volta dos dois anos, independente da história de vida do sujeito, de suas trocas afetivas e de como ele se relaciona com seus pares, a sua inteligência “vai dar um salto” cognitivo sem precedentes e alcançar um nível de elaboração mental capaz atribuir significado ao que antes eram balbuceios imitativos e se transformar em um comportamento relacionado ao pensamento, aos signos, aos símbolos e aos significados. Assim com assinala, o autor “O pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inato, mas é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais do pensamento e da fala.” (VIGOTSKI, 2005, p.63).

**Considerações Finais**

Fundamentados na ideia de que a linguagem e o pensamento têm uma relação tão direta que se tornam indissociáveis, a partir de um dado momento do desenvolvimento da inteligência, sendo a linguagem função constitutiva do pensamento, contribuindo para sua organização; compreendemos que estimular o desenvolvimento da linguagem é diretamente incitar o pensamento, e que portanto isso afetará as funções ligadas a memória, a atenção, a percepção e etc.

A linguagem constitui o pensamento, o instrumentaliza e o aprimora. O fato de o homem conseguir simbolizar deu-lhe possibilidades que foram contadas ao longo da história da humanidade: um fato inegável. Ultrapassando o campo de atuação do homem em tempo e espaço; é a base da organização da realidade que estamos postos. Trouxe-nos profundas transformações estruturais e psicológicas. O advento da linguagem é uma marca sem precedentes no decurso da nossa história.

Importante compreendermos que nosso pensamento é continuamente reestruturado pela linguagem. Depois que a criança consegue simbolizar o que é dito traz um conceito. Essa ideia trazida pela palavra é o próprio pensamento, ainda que em seu surgimento, não se apresente de forma tão clara e coerente.

O estudo das teorias interacionistas, representadas pelos três pensadores aqui anunciados, trazem-nos a compreensão de linguagem e pensamento como fenômenos intimamente relacionados e interdependentes. A linguagem não é só o que é “dito” ou “gesticulado”, é também o que é pensado e planejado.

O aprofundamento nos postulados interacionistas, ainda se apresenta como um grande desafio aos educadores no sentido de fomentarem contribuições para a reflexão sobre as práticas escolares, em que, via de regra, tende a priorizar a leitura e a escrita, em detrimento da oralidade.

Quando ocorre, em experiências inibitórias e cerceadoras, das crianças serem silenciadas em suas falas, acabam por perder a oportunidade de aprimorar o pensamento. Principalmente, quando as crianças tende a expor seu pensamento durante as atividades para organizá-lo. Entretanto, as instituições escolares tradicionais (maioria no Brasil) tendem a ter práticas pedagógicas mais silenciadoras, para controle dos espontaneísmos infantis e a sofreguidão pelo uso da escrita.

Essa interrupção no curso do planejamento do pensamento, pela restrição das falas criança a impede de refletir sobre o próprio pensamento. As crianças têm hipóteses sobre sua relação com o mundo que desejam expor. Somente pelo aprimoramento cultural esse sujeito poderá avançar em suas conjecturas.

Mesmo quando a fala interior já foi internalizada completamente, e o sujeito não faz mais uso da fala egocêntrica, existem problemas decorrentes das experimentações que precisam ser expostos para entender os interesses das crianças pelos objetos, é a partir desse entendimento que o organizador das práticas pedagógicas pode fomentar situações que despertem ainda mais interesses, e assim a aprendizagem.

É preciso pontuar a partir do apreendido nos escritos de Piaget, Vigotski e Wallon, práticas educativas silenciadoras dos corpos e da fala dos sujeitos também não favorecem o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, como uma criança poderá desenvolver o pensamento: supor, inquirir e hipotetizar em um ambiente sem o favorecimento da linguagem?

**Referências**

LUSTOSA, Francisca Geny.Circulação das ideias psicopedagógicas e sua constituição no Brasil in. **História de pedagogia ciências e religião: discursos da corrente de cá e do além-mar**. CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et all (orgs.)1 ed Fortaleza: Edições UFC, 2016

PEREIRA, Caciana Linhares Piaget, Vygotsky e Wallon: contribuições para os estudos da linguagem **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 277-286, abr./jun. 2012

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação.** Tradução de Álvaro Cabral e Chistiano Monteiro Oiticica. 3.ed. 1964

\_\_\_\_\_\_, Jean e INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. Traduções de Octaviano Mendes Cajado. 4.ed. Rio de janeiro. 2009

\_\_\_\_\_\_, Jean. **A epistemologia genética: sabedorias e ilusões da filosofia; problemas de psicologia genética**. Traduções de Natanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Dareir, Célia E. A. DÍ Piero. 2.ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

VIGOSTKI, Lev Semyonovich. **Pensamento e Linguagem**. Tradução de Jerfferson Luiz Camaro. Revisão Técnica José Cipolla Neto. 1ed. São Paulo, Martins Fontes. 2005

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Tradução de Claudia Berliner. Revisão Técnica de Izabel Galvão. 1ed. São Paulo. 2007